

Acerca do Infinito e do Finito, ou da Expansão da Mente

Mário J. A. Santos

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...*

Alberto Caeiro, *Poemas*

Com o conhecimento de que os bebês crescem no interior do corpo da mãe, conhecimento a que chegou por si só, a criança estaria no caminho certo para solucionar o primeiro problema a que aplica suas energias mentais. No entanto, seu progresso é inibido pela ignorância que não pode ser confirmada [...] e pelas falsas teorias que lhe são impostas por sua própria sexualidade.[...] Essas teorias sexuais falsas [...] possuem uma característica muito curiosa: embora cometam equívocos grotescos, cada uma delas contém um fragmento da verdade, no que se assemelham às tentativas dos adultos, que consideramos geniais, para decifrar os problemas do universo, que são tão complexos para a compreensão humana.

Sigmund Freud, Vol. IX, 1908: 195

A primeira vez que tomei conhecimento, de modo consciente, da noção de infinito foi durante os meus estudos do liceu, na disciplina de matemática. Mais tarde, na minha adolescência, deitado, à noite, na areia da praia, olhando o céu escuro, repleto de pontos luminosos, imaginava-me projectado naquele enorme espaço, viajando infinitamente através dele por entre os astros.

Segundo J. P. Machado (1990), no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, a palavra infinito deriva do latim *infinitu* – ‘sem fim, sem limites, infinito, ilimitado; indefinido, indeterminado, geral’. A palavra finito (Ferreira 1999) deriva do latim *finitu* – derivação culta de *findo*, participio passado do verbo *finire*, que significa: ‘pôr um limite; definir; findar; morrer, chegar ao fim’. É o sem fim e sem limites e o pôr um limite e chegar ao fim que, respectivamente em relação ao infinito e ao finito, vai orientar o meu pensamento.

No *Dictionnaire de la Psychanalyse*, de C. Rycroft (1972), podemos ler que:

Como Brierley acentuou, a psicanálise considera a mente como um processo e não como uma coisa, apesar do hábito que tem Freud de ligar os fenómenos mentais a um APARELHO PSÍQUICO. ‘A teoria geral da psicanálise, segundo a sua definição mais abstracta, é uma psicologia dos processos mentais e da sua organização. Para uma tal psicologia, a mente deixou de ser uma estrutura estática ou uma coisa substancial para tornar-se numa entidade dinâmica, uma conexão de actividades e uma sucessão de respostas adaptativas’ Brierley (1951). (Letra maiúscula no original).

Há uns anos atrás, em devaneio, ocorreu-me ao pensamento a imagem do universo a expandir-se infinitamente a partir do big bang. (Esta expressão foi inventada pelo astrónomo inglês Fred Hoyle e inserida no livro *The Nature of the Universe* que o astrónomo publicou em 1950. Em 1926, o abade Lemaitre tinha proposto a teoria cosmológica, segundo a qual o universo, no seu estado inicial, encontrava-se sob forma extremamente condensada, o que causou uma violenta explosão, a partir da qual se iniciou a expansão do universo). E, logo aí, uma dúvida angustiante emergiu em mim sob a seguinte forma: se imaginarmos o universo a estender-se num espaço finito, esse pensamento tranquiliza, ainda que, desassossegue a ideia de que haveria um outro, ou outros espaços, fora daquele, à semelhança de um balão que, ao encher-se de ar, contém e, ao mesmo tempo, é contido por um espaço aberto e infinito exterior ao continente. Se

fantasiarmos o universo a alongar-se num espaço infinito, aumenta a angústia de modo significativo, porque, ao identificar-nos com o universo em expansão infinita, sentimos a nossa unidade, o self ('a imagem de si mesmo', segundo Heinz Hartmann), o big bang, a romper limites, a fragmentar-se, afastando-se os fragmentos cada vez mais uns dos outros, perdendo-se a esperança de recuperar a integridade pela integração das diferentes partes clivadas num todo uno, numa unidade psicológica. Invade-nos, por instantes, a angústia psicótica de fragmentação e de morte, pelo rompimento do continente capaz de conter e de dar significados, pelo estrilhaçar do 'Eu pele' (Didier Anzieu).

O universo está em expansão, e, as galáxias mais afastadas do *big bang* estão cada vez mais distantes entre si, parecendo buscar o infinito de modo semelhante aos pseudópodes de uma ameba, quando emitidos para fora do núcleo, e à imagem da nossa mente quando se perscruta e quando sonda o exterior. A ideia de espaço sem limites é facilmente concebida mentalmente, mas é-nos inconcebível a sua realização dentro das nossas perspectivas bipolares de nascimento e morte, do dentro e do fora, do princípio e do fim, de partida e de chegada. A ideia de espaço infinito implica um espaço sem fim, enquanto a ideia de espaço finito implica um outro espaço que contenha esse finito. Será que esta dificuldade de realizar o sem limites deriva do nosso estado mental actual, ainda insuficientemente desenvolvido para abarcar tal grandeza de dimensão?

O homem utiliza diversificadas ferramentas para abordar e analisar as realidades (interna e externa) imbuído da pulsão epistemofílica. Tenta sentir e pensar, recorrendo ao vértice filosófico, científico, artístico, religioso e outros modos diferentes de expressar, por linguagens próprias, as mesmas realidades; instrumentos estes que foram criados e desenvolvidos pelo homem pela necessidade de conhecer e de se apaziguar. O *Homo erectus*, o *Homo sapiens*, o *Homo sapiens sapiens* do período do Paleolítico ou, aquele último, na época actual, vivendo em locais isolados do resto do mundo, fechados sobre si próprios, onde predomina o pensamento mágico e primevo, terão passado por dilacerantes angústias em dias de temporal, nos quais desabavam sobre eles a nevrura e o dilúvio, rasgados aqui e além pelo trovão atoador ou pelo relâmpago encadeador. A mente humana é a lente que focaliza ou desfoca as realidades.

Nem sempre, ou muito menos que o desejável, a mente está aberta à ideia nova, impedindo-se de crescer. A Inquisição, como no caso do processo de Galileu Galilei; o postulado da supremacia da raça

ariana do qual partia o nacional-socialismo; os rituais obsessivos; a projecção patológica; os delírios; o narcisismo patológico; a inveja destruidora da relação e da criatividade, sugadora do outro, escavando, cada vez mais fundo, o vazio interno do próprio, todas elas são, a título de exemplo, manifestações da parte patológica da mente humana. Mas, também, a idealização excessiva do outro perturba, negativamente, a relação com esse mesmo outro. Pela visão paranóide, sentimo-nos atacados e atacamos ou fugimos, pela depressiva, olhamo-nos como tristes e inferiores, pela maníaca, enchemo-nos de onnipotência e onisciência. Os dogmas e os preconceitos abortam a inovação. O antagonismo entre a civilização e a vida pulsional é o que leva o indivíduo a sublimar algumas das suas pulsões.

Este questionamento do conceito de finito e de infinito, partindo da visão do universo em expansão, conduz-me ao questionamento da expansão da mente e dos seus limites. A mente necessita da 'função-alfa' e do 'aparelho para pensar os pensamentos' (Bion) e o acesso à posição depressiva (M. Klein) para o 'aprender com a experiência (Bion). O aprender com a experiência e o conhecer-se a si mesmo só é possível num indivíduo em relação não patológica consigo mesmo e com o outro. O homem, para poder pensar – em vez de se defender de modo patológico (rígido e restrito), afectos e pensamentos, que emergem no seu interior psíquico – é-lhe necessário uma razoável tolerância à frustração e à dúvida e ao desconhecido. A sua estrutura mental, ao seriar, categorizar e armazenar informações, vai aumentando o seu conhecimento, o qual poderá ser enriquecido, através do cruzamento de umas partes desse conhecimento com outras, quer a nível micro ou macroscópico. Até que ponto vai a elasticidade da pele dessa mente é uma questão que parece ter como resposta, no nosso imaginário grandioso, a tendência para Deus onnisciente e onnipotente, ou seja, o infinito.

À medida que a mente se vai complexificando, quer pelo número cada vez maior de processos disponíveis (aspecto qualitativo) para uso, quer pelo volume crescente de informação elaborada, significada (aspecto quantitativo), mais distante e profundo alcançam as sondas mentais. Exemplo disso são as diferentes teorias que a criança vai construindo, acerca da concepção e nascimento dos bebés, à medida que ela vai evoluindo nas fases do desenvolvimento libidinal. A vivência da fase, em que, nesse momento, a criança esteja, e os conhecimentos e o modo de pensar que daí derivam, impregnam, de modo dominante, a construção dessas teorias. Quando o filósofo Sócrates diz que sabe que não sabe, tem consciência aí da sua própria 'igno-

rância', escapando, assim, à ilusão de saber, já que, a primeira condição, pela criação do vazio, leva à procura de saber e da verdade pela investigação, enquanto que a segunda afasta desses caminhos e conduz à presunção. Noutra vertente, o saber que não se sabe significará que quanto mais sei mais sei que nada sei. Ou seja, à medida que vamos penetrando em novas áreas de saber, não só perspectivamos um mundo novo que se abre à nossa frente para apreender, como tomamos consciência da existência de muitas outras áreas de saber das quais nada sabemos ainda. A estrutura mental vai-se transformando com essa complexificação, entrando numa espiral crescente de flexibilização, tolerância, serenidade, saber, e tornar-se no que se é ('self verdadeiro', segundo Winnicott). Hamlet, pela pena de Shakespeare, interroga-se: 'Ser ou não ser eis a questão; será maior nobreza da alma sofrer a funda e as flechas da fortuna ultrajante ou pegar em armas contra um mar de infortúnios opondo-lhes um fim? Morrer, dormir... nada mais'. O tornar-se no que se é aflige a mente, pelo medo das consequências de penetrar nas regiões desconhecidas do seu universo interior e o caminho que a esse universo interior conduz contém a fala de Hamlet: 'Quem suportaria tais fardos, protestando e suando numa vida dura, se não fosse o receio de qualquer coisa após a morte, dessa região não descoberta e de cuja fronteira nenhum viajante regressa, que lhe quebranta a vontade e faz que antes queira sofrer os males da Terra que voar para outros de que nada se sabe?'. Naturalmente que, para o fim em vista deste artigo, há que traduzir, nesta segunda citação do monólogo de Hamlet a palavra morte pelas palavras profundezas do inconsciente.

Mas, não é apenas a questão do infinito que traz angústias, também as traz o saber-nos finitos (que a morte nos espera) e o termos consciência da nossa incompletude. Só Deus é eterno – a questão do tempo infinito projectado no futuro é de fácil assimilação, mas já inquieta a questão em sentido contrário: quando é que começou o tempo? Ainda que o espaço e o tempo sejam medidos por um padrão de medida, eles são vividos subjectivamente – onnipotente, omnisciente e omnipresente. Só Deus abarca em si tudo o que existe no universo. Apenas como nota, já que não irei desenvolver aqui este assunto, poderíamos perspectivar o finito na vertente da morte física e psíquica (psicose) como um regresso às origens, à não estruturação, quer numa leitura significada bíblica, biológica, psíquica, ou da teoria do big crunch.

É na relação disponível, afectuosa e pensante-transformadora da mãe e do pai entre si e para com o seu bebé que este começará a ter

possibilidades de se estruturar mentalmente e de estruturar o meio envolvente. A mãe e o pai, através do adequado exercício das funções paternas, baseadas no amor pelo filho e na curiosidade e interesse em investigar, poderão, no caldo quente da relação positiva, conhecer o seu filho (e daí suprir-lhe as necessidades para o seu crescimento físico e mental), darem-se a conhecer e darem a conhecer o mundo. Pai e mãe existem na percepção do bebé, desde o primeiro momento, ainda que de modo dissemelhante quer pela diferença de personalidades, quer pela diferença sexual. O pai, nos primeiros tempos de vida do bebé, entre outras funções, é o guardião da relação mãe-filho, proporcionando-lhes um espaço e um tempo de tranquilidade para que o enfoque perceptivo-afectivo-relacional não seja perturbado de modo significativo, impedindo, assim, o surgimento da patologia mental, mas, pelo contrário, se estabeleçam vínculos de amor e de saber, fortes e saudáveis, motores do desenvolvimento da personalidade em expansão e pilares seguros contra as intempéries aniquiladoras, internas e externas, do self. À semelhança da construção de um edifício, que quanto mais frágeis forem os alicerces maior é o risco da derrocada, também quanto mais perturbadas forem as primeiras relações significativas, menos integrada será a mente da criança e menos flexível o seu funcionamento. Se pensarmos nas enormes aprendizagens que o bebé necessita fazer nos cinco primeiros anos de vida, vemos como são cruciais as capacidades de promover o desenvolvimento mental, por parte dos pais e do meio, para responderem às necessidades do bebé. A título de exemplo, extensível às várias áreas do crescer da individualidade psíquica, o dar um triciclo a uma criança tem o seu momento indicado: antes do tempo adequado a criança não tem força nas pernas para pedalar, depois do tempo próprio a criança já não cabe no triciclo. Do nascimento do bebé (melhor seria dizer, desde o período de gestação) até à resolução do complexo de Édipo (por volta dos 5 anos), a estrutura da personalidade fica delineada. Nesse percurso de tempo, a criança adquire três núcleos fundamentais da sua personalidade: 1) sentimento de identidade; 2) identidade sexual; 3) passagem do princípio de prazer para o princípio de realidade.

Há que ter em conta que cada bebé é um bebé e cada um traz consigo diferentes potencialidades de desenvolvimento. Boas potencialidades são muito importantes, não só pelas possibilidades em si contidas de crescimento mental para o próprio, como também, por aquilo que trazem para o incremento das relações do bebé, consigo próprio, e com os pais e o meio ambiente, que, no caso destes últi-

mos serem frustres, permitirá ao bebé tentar implementar nestes outra dinâmica de funcionamento mental mais consentânea com as necessidades da criança. O vínculo simbiótico (Bion) (modalidade de vínculo continente-conteúdo) entre o bebé e a sua mãe indica que eles estabelecem relações harmoniosas e produtivas, tirando daí benefício mútuo, e sem danos para nenhum deles.

Pela psicanálise pessoal pretende-se, através da interpretação das associações livres do paciente (onde estão incluídos os sonhos), e da sua transferência, assim como da utilização, pelo analista, da atenção flutuante e da sua contra-transferência, entender o mundo interno do paciente, tornar o inconsciente consciente, melhorar as relações entre os objectos internos e as relações do sujeito com o mundo externo, ou seja, que a personalidade se reorganize, se enriqueça e se amplie.

É pela interiorização da ‘função analisante’ (Matos, 2002) do analista pelo analisando que este dinamizará a sua ‘função psicanalítica da personalidade’ (Bion), permitindo-lhe continuar a sua auto-análise, finda a sua análise pessoal. Do artigo de Freud, ‘Análise Terminável e Interminável’, podemos deduzir que, se, na prática e no plano clínico, análise pode ser dada como concluída, quando o analisando conseguiu relações de objecto internas e externas adequadas e satisfatórias, já no plano do tornar-se plenamente no que se é, a luta permanente entre as pulsões de vida e de morte, que cunham a vida mental torna muito difícil que, através de uma auto-análise, mesmo que contínua, e após análise pessoal, o indivíduo consiga abarcar toda a verdade acerca de si mesmo (‘O’, Bion). Nesta linha da existência de zonas da mente que ignoramos em nós próprios, mas que presenciamos muitas vezes a sua existência pelo seu sussurrar, penso que vão as palavras de Coimbra de Matos (Matos 2002:39-40), no seu livro *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*:

Ao fim e ao cabo é a isto, e só a isto, que o psicanalista (como qualquer ser humano) resiste: a que o analisando se lhe dirija com desejos que ponham em causa pulsões que, por qualquer razão, teme, ou, o que vem dar praticamente ao mesmo, desejos que desencadeiam ansiedades que não sabe nem pode elaborar ou desejos que ponham a nu uma imagem de si próprio que prefere ignorar.

Em termos de expansão da mente – e ainda que ela não se desenvolva de modo uniforme (ao mesmo tempo e em quantidade e qualidade iguais) em todas as suas áreas – irei exemplificar essa imagem

complexa, propondo-a à imagem da expansão do universo a partir do big bang. Num tempo-espaço inicial dessa expansão poderíamos ver, junto do núcleo originário, uma primeira zona preenchida de galáxias, mais adiante um espaço fronteiroço constituído de fragmentos projectados e, mais além ainda, uma terceira zona vazia por onde o cosmos irá avançar ao longo dos tempos. Do ponto de vista psicológico, isto significaria que quase todo o funcionamento mental estaria contido na primeira zona. À segunda zona, corresponderiam as actividades criativas, ou de ruptura patológica, mediante houvesse ou não estruturação após a desestruturação. A diferença entre os movimentos de desenvolvimento e os patológicos assinalam-se, pelo contraste entre, por um lado, o que J. Piaget (1973: 11) descreve como desenvolvimento, no seu livro *Seis Estudos de Psicologia*, que 'é, portanto, em certo sentido, uma equilibração progressiva, uma passagem perpétua de uma estado de menor equilíbrio a um estado de equilíbrio superior', e, por outro, a patologia, que se verifica nos estados incessantes de repetição de comportamentos e ideias não significadas, de fixações e rigidez de áreas do funcionamento mental, traduzidas na limitação dos seus recursos funcionais e no exagero quantitativo de um tipo específico de manifestações desse mundo interno. Como situação extrema de patologia, temos o delírio, onde uma 'nova realidade mental' vem sobrepor-se às realidades externa e interna. A terceira zona representaria as áreas de desenvolvimento potenciais. Naturalmente que dentro da primeira zona também encontraríamos áreas de fragmentos e de vazio.

Tudo o que é vivido intensamente e de modo durável pelo indivíduo, quer como um claustro esmagador, quer como um continente falho e estilhaçante, põe em causa a existência do self, leva à angustia de morte psíquica. No primeiro caso, pela impossibilidade de separação-indivuaçãoção, no segundo, pela ruptura e fragmentação da unidade psíquica dinâmica.

PÓS-ESCRITO

Em Outubro de 2003, encontrei-me com o meu mestre e amigo Carlos Amaral Dias. Aproveitei a ocasião para lhe dar a conhecer este artigo. Após leitura atenta, disse-me que lesse, e aqui o referisse, o artigo 'Scientific Cosmogony, Mythology, and Immortality', de Jacob A. Arlow (1982), publicado na revista *Psychoanalytic Quarterly*, Vol. 51, pp.177-195, 1982. Esta indicação deixou-me satisfeito, porque pensei que o

meu artigo lhe teria agradado, mas, ao mesmo tempo, colocava-me um problema: em que lugar do meu texto iria colocar esta nota inesperada, de modo a não interferir na sua dinâmica? Após vários pensamentos, decidi colocá-la como pós-escrito.

O artigo de Jacob Arlow pode dividir-se em duas partes. Na primeira, são comparadas as cosmogonias mitológicas com as cosmogonias científicas. Na segunda parte, são relacionadas as cosmogonias com o funcionamento mental humano e o desejo de imortalidade. Como iremos ver, há pontos de ligação com o meu próprio artigo, no entanto, a cosmogonia serviu-me como metáfora de abordagem ao tema nuclear: a vivência mental perante a perspectiva de realização do infinito e finito e os promotores e os escolhos da expansão infinita da mente.

Assim, Jacob Arlow escreve que as teorias científicas actuais sobre cosmogonia assemelham-se às cosmologias da mitologia e religião. Estas emanam das civilizações, ao longo das eras, fruto das crenças e saberes de cada época, face a um acontecimento não observado ou experimentado o início do universo. E apaziguam o medo de extinção, surgindo, nomeadamente, como elaborações metafóricas das teorias infantis sobre a procriação. Algumas destas perspectivas são concordantes com as minhas, quando refiro que o homem (actual e do passado), excitado pela pulsão epistemofílica, utiliza ferramentas teórico-práticas, ao seu alcance, para investigar as realidades, como as teorias infantis acerca da concepção e nascimento dos bebés, que vão sendo elaboradas e reelaboradas no decorrer da sua evolução, pelas fases do desenvolvimento libidinal. No entanto, não apenas pela inquietude da morte, também por necessidade de dominar o desconhecido, o temor. É neste sentido que entendo a segunda parte do artigo de Jacob Arlow, quando refere que as fantasias conscientes e inconscientes da infância, bases da ciência, arte e mitologia, são tentativas possíveis da criança entender as realidades que a inquietam, com relevo para as que emergem da fase edipiana.

As noções cosmológicas representariam projecções grandiosas da criança acerca da sua origem e desejos, identificando-se, inconscientemente, com o herói mitológico, retirando daí gratificação inconsciente, pela realização de interditos e aspirações grandiosas. As cosmogonias seriam, assim, uma metáfora inconsciente da reprodução humana.

Um aspecto diferenciador, entre o argumento de Jacob Arlow e a minha própria abordagem, é que Arlow pensa as cosmogonias a partir das fantasias infantis, enquanto eu observo, neste artigo, a vida

mental baseado no modelo do big bang. O texto de Arlow leva-me a interrogar quais os motivos inconscientes que me conduziram à escrita do meu próprio artigo.

Segundo Jacob Arlow, as duas teorias cosmológicas actuais mais importantes são: a teoria do big bang, ou do universo em expansão, e a teoria de criação contínua, ou do universo constante. Partindo daí, o autor percorre as problemáticas teóricas e metodológicas das cosmogonias científicas, confrontando-as entre si, e com as cosmogonias mitológicas. No meu caso, estimulado psiquicamente pela imagem do big bang, que serviu de suporte à ideia de expansão da mente, derivei para a análise dos potenciais de desenvolvimento da mente e dos limites dessa expansão. Foquei, quer as relações de vínculo simbiótico mãe-pai bebé, como necessárias à mente do bebé para utilizar a função-alfa, o aparelho para pensar os pensamentos, ter acesso à posição depressiva, e aprender com a experiência, quer, por outro lado, a relação analítica, como dinamizadora da função psicanalítica da personalidade do sujeito. Ao mesmo tempo, abordei a pulsão de morte, existente em todos nós, e as diversificadas psicopatologias, individuais ou grupais, como barreiras vedando os trajectos conducentes ao pensamento novo, ao crescimento.

O conceito de big bang, referido por Jacob Arlow, coloca a questão do devir do universo. Um deles, o big crunch, foi por mim relacionado com a morte psíquica, a psicose, a fusão da estrutura mental na ordem do inconsciente. Um outro, a expansão sem retorno das galáxias, ficando o cosmos em total escuridão após a extinção dos fogos das estrelas, poderia ligá-lo com a ideia de desintegração do self, da não existência de unidade psicológica pela impossibilidade de conter o movimento fragmentário e integrar as partes clivadas num todo uno.

A abordagem do conceito de tempo emerge em ambos os artigos. Para Jacob Arlow, nas cosmologias mitológicas e científicas, o tempo é vivido como uma dimensão eterna da existência, através de dois conceitos diferentes: um cíclico e imutável, outro como um impulso linear. No dia a dia, ao longo dos tempos, o homem veria nos actos de renovação da natureza repetições da criação, levando-o, nalgumas acções, a identificar-se com o criador. Nesta ideia de renovação, é inserido o pensamento de imortalidade (morte-ressurreição, quer a nível do universo, quer do ser humano), ou seja, o desejo de domínio do homem sobre o tempo e a morte. Inconscientemente, o medo da morte contém muitos significados derivados das experiências das fases pré-edípicas e edípicas – situação de desamparo, falhas

narcísicas, desintegração do *self*, retaliação e castração pelos desejos edipianos – procurando o homem um deus (deus-pai) benevolente e o paraíso (paraíso de terra mãe) após a morte, onde todos os desejos de bem estar seriam realizados, como meio de afastar da órbita central da mente as ansiedades infantis face a esses perigos. Pelo meu lado, a pretensão grandiosa de tender para Deus onisciente e onipotente procuraria subjugar as angústias profundas, posicionando-o no nirvana.

Jacob Arlow termina o seu artigo de um modo bastante interessante: ‘A determinação do homem para vencer o tempo, o espaço e a morte não será negada. Da sua magnífica inteligência e grandiosa ambição, ele criou a mitologia e a arte, religião e ciência, e através de cada um destes vários universos, o homem impôs a sua imaginação no cosmos infinito.’ Digo bastante interessante pela importância que é dada à vida interna, na criação disseminadora destas múltiplas manifestações linguísticas, e pelo sentido inverso que lhe dou no meu artigo, onde perspectivado estas diferentes linguagens a convergirem, na sua pesquisa, sobre as realidades.

Não se esgota aqui o número de correlações possíveis, de semelhança e dissemelhança, entre os dois artigos, e muito menos o trabalho de pensá-las, mas fazê-lo, até aos limites que me fosse possível conduzir tal estimulação, implicaria elaboração de outro(s) trabalho(s), o que extravasa o intento deste pós-escrito.

REFERÊNCIAS

- Arlow, J.A.
1982 ‘Scientific Cosmogony, Mythology, and Immortality’.
The Psychoanalytic Quarterly 51. pp.177-195
- Ferreira, A. G.
1999 *Dicionário de Latim-Português*.
Porto: Porto Editora.
- Freud, S.
1996 {1937} ‘Análise Terminável e Interminável’. In Edição
Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas
de Sigmund Freud Vol.XXIII, Rio de Janeiro: Imago
Editora.
- Machado, J. P.
1990 *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa:
Livros Horizonte.

- Matos, A.C.
2002 [1978] *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*.
Lisboa: Climepsi Editores.
- Piaget, J.
1973 [1964] *Seis Estudos de Psicologia*. Lisboa: Publicações
Dom Quixote.
- Rycroft, C.
1972 [1968] *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Verviers: Les Nouvelles
Éditions Marabout, Shakespeare, W. *Hamlet*. Mem
Martins: Publicações Europa-América.

**Acerca do Infinito e do Finito,
ou da Expansão da Mente**

**About the Infinite and the Finite, or the Ex-
pansion of Mind.**

Sumário

Summary

A partir da dinâmica mental gerada pelo contacto entre os conceitos de finito, infinito e mente, o autor pensa o big bang e o big crunch. Deste processo, emerge o pensamento da mente em expansão e a interrogação da possibilidade da sua infinitude. O artigo analisa contributos e obstáculos a esse caminhar da mente sem fim. Em pós-escrito, o autor relaciona, criticamente, este artigo com um artigo famoso de Jacob Arlow, salientando pontos convergentes e divergentes entre ambos.

From the mental dynamic created by the link between the concepts of finite, infinite and mind, the author thinks the big bang and the big crunch. From this process emerges the reflection on the expansion of the mind and the question of the possibility of its infinitude. The article analyses some theoretical obstacles and contributions for that endless path of the mind. In a Post-script, the author crosses this article with another one by Jacob Arlow, pointing out the common and the divergent aspects between them.